

UM NOVO CONSENSO SURGE NO NORDESTE

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 28.08.1984

Aos poucos vai se produzindo no nordeste um novo consenso em torno do caminho para resolver os problemas da região e da candidatura Tancredo Neves. Os governadores do Nordeste vão, em número crescente, manifestando seu apoio a seu ex-colega; aqueles que ainda não se manifestaram claramente para não enfrentar desde já a hostilidade do Governo central, deixam, entretanto, transparecer sua preferência. No Ceará, o governador Gonzaga Motta e o presidente do PMDB, Mauro Benevides, se unem e obtêm o apoio do principal coronel local, Adauto Bezerra, aumentando substancialmente os votos da Aliança Democrática no Colégio Eleitoral. Os empresários do Ceará organizaram um Comitê Supra-partidário pró-Tancredo Neves e chamaram para dele participar representantes de todas as classes, de todas as profissões, e também dos partidos de esquerda não legalizados. É a união nacional interclassista em marcha. Nesta mesma cidade, no 5º Encontro Brasileiro de Administradores, quando o nome de Tancredo Neves é citado, como futuro presidente, a platéia toda rompe em uma emocionante salva de palmas; quando fala um notório senador malufista da Bahia, a platéia vai e grita em coro o verbo pejorativo: “malufou, malufou”.

Estive em Fortaleza, em Juazeiro do Norte e no Crato, no último fim-de-semana; participei de reuniões, conversei com muita gente, mas o tema era um só: vamos nos unir para eleger Tancredo Neves e depois pensar nas diferenças e rivalidades locais.

O extraordinário é que esse é o mesmo Nordeste que, em novembro de 1982, não conseguiu derrotar o partido do governo, não conseguiu quebrar a força do coronelismo. É extraordinário, mas compreensível. Afinal, o processo de politização porque passou o Nordeste nestes últimos vinte anos de autoritarismo foi muito grande. Os trabalhadores e as novas classes médias passaram também a ser sujeitos do processo político. A vitória do coronelismo em 1982 foi provavelmente a última da história desses estados. E só foi possível na medida em que candidatos jovens e bem preparados, que pouco ou nada tinham a ver com o coronelismo, foram escolhidos.

O Nordeste continua a ser um dos grandes desafios nacionais, mas o caminho da solução da questão nordestina começa a ganhar consenso. A renda por habitante do Ceará continua a ser um terço da média nacional e um quinto da paulista. O regime autoritário não logrou reduzir as diferenças entre o Nordeste e o Sul; apenas reproduziu no Nordeste o modelo de subdesenvolvimento industrializado, concentrador de renda, existente no Sul.

O grande desafio que o Nordeste enfrenta hoje é o desafio para o qual necessitará do apoio de todo o Brasil: é o de desenvolver a agricultura de alimentos com base na irrigação conjugada com a reforma agrária. No Ceará, por exemplo, há 330 mil estabelecimentos agrícolas, dos quais 300 mil são pequenos estabelecimentos, responsáveis por 70% da produção de alimentos e de matérias-primas agrícolas do Estado. Mas 170 mil desses estabelecimentos não pertencem a quem neles trabalha.

Por outro lado, a irrigação de cerca de 220 mil hectares de terras agriculturáveis no Ceará poderia ser feita a custos modestos, independentemente da transposição do Rio São Francisco. Essa irrigação, entretanto, só fará sentido se como prevê o Projeto Nordeste, que tem o apoio do Banco Mundial e da SUDENE for previamente realizada a reforma agrária. Ou a “reestruturação fundiária” com preferência para os técnicos e os empresários prudentes mas que apoiem o projeto.

Os nordestinos têm, portanto, um projeto econômico que é também um projeto político. Um projeto de revolução agrícola com participação popular. Um projeto que, para tornar-se realidade, precisará unir o Brasil. Mas antes precisará unir o próprio Nordeste em torno de algumas idéias básicas. Essa união está em marcha, e o apoio que Tancredo Neves vem obtendo de maneira crescente reflete essa união em torno de um ideal democrático e de um projeto econômico viável. (28/08)